

ESCOLARIDADE E RAÇA/COR DAS MULHERES DE 15-59 ANOS EM BELO HORIZONTE

Maria Eponina de Abreu e Torres
Aluna de Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq*
Paula Miranda-Ribeiro
Professora do Departamento de Demografia e Cedeplar
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

O objetivo deste trabalho é verificar as diferenças raciais na escolaridade das mulheres em Belo Horizonte. Será que há desigualdade racial no que tange à educação neste município? Será que a escolaridade da mulher influencia em sua auto-classificação de cor/raça? Os dados vêm do SRSR – Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Raça, um *survey* conduzido em 2002 e representativo dos municípios estudados, que entrevistou mulheres de 15 a 59 anos. No que se refere à raça/cor, além da pergunta ao estilo IBGE, o *survey* inova ao oferecer outras alternativas de classificação racial pré-codificada, tais como negro ou moreno, bem como pergunta aberta e classificação da respondente feita pela entrevistadora.

Palavras-chave: educação, relações raciais, mulheres, classificação de raça/cor

1) Introdução

A questão racial vem, cada vez mais, apresentando grande importância na nossa sociedade. Há um intenso debate sobre ações afirmativas, que buscam uma maior inserção do negro¹ em posições mais privilegiadas. Outro importante debate se refere às cotas nas universidades públicas, questão que vem gerando bastante polêmica não só pela dificuldade de se definir quem é negro neste país mas, sobretudo, pelo enorme déficit educacional dos negros em relação aos brancos, sobretudo nos ensinos médio e superior. Apenas uma parte

*Projeto “Analisando os dados SRSR: saúde reprodutiva, sexualidade e cor/raça em Belo Horizonte e Recife”, sob orientação da Profa. Paula Miranda-Ribeiro.

¹ Negro é a reunião daqueles que se classificam como pardos e pretos, de acordo com o critério do IBGE.

ínfima da população negra ingressa nas universidades. A política de cotas, portanto, buscaria uma maior inserção desta população nas instituições educacionais de nível superior.

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama educacional das mulheres de 15-59 anos de Belo Horizonte por raça/cor. Dado que amarelos e indígenas representam apenas 0,5% da população de Belo Horizonte, com base nos dados do Censo Demográfico de 2000, estes serão excluídos desta trabalho. Portanto, analisaremos aqui apenas as mulheres auto-declaradas brancas, pardas e pretas, de acordo com os critérios do IBGE. Para tanto, serão usados os dados do SRSR – Ensino e Pesquisa em Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Raça – um *survey* conduzido em Belo Horizonte e Recife em 2002. Para fins deste trabalho, serão utilizados apenas os dados do município de Belo Horizonte. É importante ressaltar que este é um trabalho inicial e exploratório.

O trabalho está organizado da seguinte forma. O item 2 traz um panorama da situação de brancos e negros no Brasil no que se refere à distribuição percentual por cor/raça da população total. O item 3 traz uma descrição do quesito cor nas pesquisas quantitativas brasileiras, seguida do panorama da educação por raça/cor no item 4. O item 5 apresenta os dados e a metodologia utilizada. Os resultados são analisados no item 6 e, finalmente, o item 7 traz os comentários finais.

2) Brancos, negros, amarelos e indígenas no Brasil e em Belo Horizonte

A população do Brasil, de acordo com o Censo 2000, é composta por 53,7% de brancos, 44,7% de negros, sendo 6,2% pretos e 38,5% pardos, além de 0,5% de amarelos e 0,4% de indígenas. Os números para Belo Horizonte são muito semelhantes aos números do Brasil.

A Tabela 1 apresenta a distribuição total da população do Brasil e da população de Belo Horizonte por raça/cor, de acordo com o Censo 2000.

Tabela 1 – Distribuição percentual da população por raça/cor
Brasil e Belo Horizonte, 2000

Raça/Cor	Brasil		Belo Horizonte	
	N	%	N	%
Branco	91.298.042	53,74	1.199.070	53,57
Preto	10.554.336	6,21	180.056	8,04
Pardo	65.318.092	38,45	833.668	37,24
Amarelo	761.583	0,45	4.312	0,19
Indígena	734.127	0,43	7.588	0,34
Sem declaração	1.206.675	0,71	13.831	0,62
Total	169.872.850	100,00	2.238.526	100,00

Fonte: IBGE, Censo 2000

3) O quesito cor/raça nas pesquisas quantitativas

Raça no Brasil, de acordo com TELLES (2003), é um conceito ambíguo, situacional, inconsistente e relacional. Não é à toa que a classificação por cor/raça é um assunto que vem levantando, ao longo dos anos, diversas questões. Para entendê-las melhor, é importante fazer uma retrospectiva desta classificação nos censos demográficos brasileiros, principal fonte de dados dos trabalhos que tratam da questão racial no Brasil.

Nos dois primeiros censos que ocorreram no país, nos anos de 1872 e 1890, o critério usado para se diferenciar a raça, era a cor da pele, dada pelos critérios do entrevistador, sendo que os entrevistados podiam ser caracterizados como brancos, negros, caboclos e mulatos. No censo seguinte, do ano de 1900, a cor/raça dos entrevistados não foi coletada, assim como nos anos de 1920 e 1970. Assim, a partir do ano de 1940 a coleta passou a ser por auto-classificação, através das categorias brancos, pretos, amarelos e pardos, o mesmo tipo de classificação aconteceu nos anos de 1950 e 1980. Já no censo do ano de 1960, a coleta quanto a cor dos indivíduos apresentou as cinco categorias que são apresentadas hoje: brancos, pretos, pardos, amarelos e índios (no ano de 1960) e indígena (nos anos de 1991 e 2000).

No entanto, essa classificação como ocorre hoje, gera bastante polêmica, na medida em que a categoria pardo, apresenta uma forte semântica negativa, como indica SILVA (1999). Tudo aquilo que não se enquadra nas outras categorias é classificado como pardo. Esta discussão em torno desta categoria levanta outra polêmica, desta vez em torno da categoria moreno, que apresenta uma conotação bem mais positiva do que a categoria pardo. No entanto, moreno apresenta um grande ambigüidade. TELLES (2003) indica que o uso amplo deste termo é de grande importância, na medida em que se leva em conta que, apesar de nunca ter sido usado nos censos demográficos, é sempre lembrado pela população. Além disso, essa ambigüidade subestima as diferenças raciais e valoriza uma brasilidade comum. Entretanto, como indica SILVA (1999), “dada a quase universalidade da categoria moreno, sua utilização numa escala eliminaria a possibilidade de se tentar capturar, pelo menos, a característica cor de pele dos respondentes, apesar de poder se constituir numa opção em uma lista de preferências verbais do entrevistado quanto à sua autodenominação de cor” (p.88).

Vale ressaltar, ainda, que a classificação racial brasileira tem se apresentado, em grande medida, ambígua, sendo que sistemas múltiplos de categorias são permitidos e os mesmos indivíduos podem ser classificados, legitimamente, em mais de uma categoria, dependendo de quem faz a classificação.

4) Educação e raça/cor

A literatura apresentada sobre a questão de educação relacionada à raça/cor indica o déficit educacional apresentado pela população negra, ou seja, pretos e pardos apresentam níveis de escolaridade inferiores aos brancos da mesma origem social.

De acordo com HENRIQUES (2001) a escolaridade média da população adulta com mais de 25 anos gira em torno de 6 anos de estudo, sendo que um jovem negro de 25 anos tem, em média, 6,1 anos de estudo, enquanto um jovem branco nesta mesma faixa de idade apresenta cerca de 8,4 anos de estudo. Percebemos assim, um déficit de 2,3 anos de estudos da população negra em relação à branca.

Se observarmos que a média de escolaridade da população é de cerca de 6 anos de estudo, perceberemos que este déficit de 2,3 anos da população negra em relação à branca é extremamente alto.

HENRIQUES (2001) indica ainda, que os jovens negros apresentam em todos os anos da série e para todos os segmentos, desempenhos inferiores aos dos jovens brancos. e que os maiores déficits em relação à educação se encontram nos níveis mais elevados de escolaridade. No ensino superior 98% da população negra não tem acesso às universidades, enquanto este índice é de 89% para a população branca. Este índice é extremamente baixo para as duas populações, porém, o índice da população branca é mais de 5 vezes superior ao índice de ingresso da população negra.

No que se refere ao ensino médio, esta desigualdade é também enorme. De acordo com HENRIQUES (2001) 63% dos jovens brancos, de 18 a 23 anos não completaram o ensino secundário, enquanto este índice sobe para 84% na população negra de mesma faixa etária.

Segundo HASENBALG e SILVA (1991), “dois terços ou mais de crianças pretas e pardas estão frequentando a escola com atraso de três ou mais séries, enquanto que isto ocorre com apenas dois quintos dos brancos” (p.262). Já o problema da evasão escolar, de acordo com estes mesmos autores, é aproximadamente o mesmo nos três grupos de cor.

ROSEMBERG (1991) indica o problema da segregação espacial na escola e afirma que esta hipótese pode fornecer pistas importantes para a compreensão dos mecanismos de discriminação racial. Esta autora indica também, que trajetórias escolares diversas entre os alunos brancos e negros, apresentam repercussões cumulativas para estes estudantes.

Vale ressaltar, ainda, um outro aspecto que vem sendo profundamente discutido em relação à educação no Brasil, que se refere à melhoria da educação no país. De fato, isso vem realmente acontecendo, porém ao observarmos este crescimento, percebemos que o déficit educacional dos negros não vem caindo.

5) Dados e Metodologia

Os dados utilizados neste trabalho são do SRSR – Ensino e Pesquisa em Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Raça, um *survey* coordenado pelo Cedeplar – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, em parceria com a ONG SOS Corpo, que o levou a campo em Recife no ano de 2002. A pesquisa, baseada numa amostra representativa tanto para Belo Horizonte como para Recife, apresenta 2.403 entrevistas, sendo 1.301 entrevistas completas com mulheres entre 15 e 59 anos de idade na primeira cidade e 1.102 entrevistas na segunda cidade. Como já mencionado anteriormente, iremos trabalhar apenas com as entrevistas de Belo Horizonte.

Esta pesquisa apresenta uma peculiaridade no que diz respeito à raça. Além da questão tradicional tipo IBGE, com as opções branco, preto, pardo, amarelo e indígena, o questionário inova ao oferecer outras alternativas de classificação racial pré-codificada, tais como negro ou moreno, bem como pergunta aberta e classificação da entrevistada feita pela entrevistadora. Como a proporção de mulheres que se auto-declararam amarelas ou indígenas é muito baixo, este artigo trabalhará apenas com as mulheres brancas, pretas e pardas.

Para investigar e comparar a escolaridade das mulheres brancas e negras em questão, serão utilizadas técnicas de estatística descritiva, como frequências e tabulações cruzadas.

Os dados do SRSR parecem ser bastante consistentes quando comparados aos do Censo Demográfico de 2000, levando-se em conta a distribuição etária da população feminina de 15 a 59 anos. No entanto, a distribuição por raça/cor não é consistente, como era de se esperar, dado o caráter subjetivo da auto-classificação racial. A comparação entre a distribuição percentual das mulheres por grupo etário e raça/cor no SRSR e no Censo 2000 é apresentada na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Distribuição percentual das Mulheres de 15-59 anos por grupo de idade e raça/cor – Belo Horizonte 2000 e 2002

		Belo Horizonte SRSR		Belo Horizonte Censo	
		n	%	n	%
Grupos de idade	15-19	121.478	13,9	113.316	14,4
	20-24	141.964	16,2	119.905	15,2
	25-29	107.676	12,3	102.979	13,1
	30-34	100.141	11,4	96.647	12,3
	35-39	103.498	11,8	95.892	12,1
	40-44	96.550	11,0	86.183	10,9
	45-49	84.488	9,7	71.541	9,1
	50-54	65.226	7,5	57.745	7,3
	55-59	53.853	6,2	43.884	5,6
Total		874.874	100,00	788.092	100,00
Raça/Cor	Branco	395.132	45,1	433.271	55,0
	Preto	161.474	18,5	63.229	8,0
	Pardo	276.987	31,7	281.909	35,8
	Amarelo	344	0,0	1.842	0,2
	Indígena	39.480	4,5	2.918	0,4
	Sem declaração	1.457	0,2	4.923	0,6
Total		874.874	100,0	788.092	100,0

Fonte: Censo - IBGE 2000 e SRSR - Cedeplar- 2002

6) Resultados

A Tabela 3, a seguir, apresenta a escolaridade das mulheres brancas, pretas e pardas, com base na pergunta do questionário SRSR que é semelhante à pergunta do IBGE. Os resultados indicam que a escolaridade das mulheres brancas se apresenta bastante superior à das pretas e pardas. Uma em cada 8 brancas têm entre 0 e 4 anos de estudo, ao passo que as há 1 em cada 5 pardas e 1 em cada 4 pretas com este mesmo nível de escolaridade. Na categoria mais elevada de escolaridade, 12 anos ou mais, reúne 29% das auto-declaradas brancas, 13% das auto-declaradas pardas e apenas 5% das que se classificaram como pretas. Portanto, os dados indicam que, de fato, as pretas estão em desvantagem no que diz respeito à escolaridade, como já apontado por outros estudos.

Tabela 3 – Distribuição percentual de mulheres brancas, pretas e pardas de 15-59 anos, segundo anos de estudo. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor		
	Branca	Preta	Parda
0-4 anos	12,5	26,9	21,9
5-8 anos	23,0	31,6	28,0
8-11 anos	35,9	36,7	36,8
12 anos ou mais	28,6	4,8	13,3
Total	100,0	100,0	100,0
n	389.970	159.184	272.282

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

E se, ao invés de analisarmos as mulheres de acordo com as categorias de cor/raça, utilizarmos com referência a escolaridade? Reorganizando a tabela anterior, chegamos à Tabela 4. Os resultados indicam que, dentre as mulheres com escolaridade de 0-4 anos, 32% são brancas, 39% são pardas e 28% são pretas. A princípio, estes números parecem bastante próximos, mas é preciso levar em conta que a distribuição relativa das mulheres entrevistadas por cor/raça está longe destes valores. De acordo com os dados SRSR, 45% das mulheres se auto-declarou branca, mas somente 32% das que têm baixa escolaridade são brancas. Do total de entrevistadas, 19% se declarou preta, mas há 28% de pretas entre as mulheres de baixa escolaridade em Belo Horizonte. Ao analisarmos o outro extremo da tabela, percebemos que, das mulheres que ingressaram no ensino superior, 72% são brancas, 23% são pardas e apenas 5% são pretas. De novo, estes números estão muito longe da distribuição relativa das mulheres por cor/raça. Entre aquelas que têm alta escolaridade, as brancas estão sobre-representadas e as pardas e pretas, subrepresentadas. Assim, mais uma vez, os números sugerem que as negras estão em desvantagem quanto à escolaridade, levando-se em consideração as categorias de cor/raça utilizadas pelo IBGE.

As tabelas 3 e 4 serão utilizadas como referência nas comparações que faremos a seguir.

Tabela 4 – Distribuição percentual das mulheres por escolaridade, segundo cor/raça. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor			Total	n
	Branca	Preta	Parda		
0-4 anos	32,3	28,3	39,4	100,0	151.239
5-8 anos	41,5	23,3	35,2	100,0	216.312
8-11 anos	46,8	19,6	33,6	100,0	298.518
12 anos ou mais	71,9	4,9	23,2	100,0	155.367

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

O próximo passo foi substituir a categoria *preta* por *negra*. Esperava-se que, sendo *negra* a categoria sugerida pelo Movimento Negro, esta captasse não só as mulheres auto-declaradas pretas, mas também parte das que se classificaram anteriormente como pardas, dado o alto nível de rejeição a estas duas categorias utilizadas pelo IBGE. No entanto, não foi o que ocorreu. Observando a Tabela 5, percebe-se que os resultados refletem apenas pequenas variações quando comparados aos da Tabela 3.

Tabela 5 – Distribuição percentual de mulheres brancas, negras e pardas de 15-59 anos, segundo anos de estudo. Belo Horizonte, 2000.

Escolaridade	Raça/Cor		
	Branca	Negra	Parda
0-4 anos	11,8	24,2	23,4
5-8 anos	22,6	33,4	27,0
8-11 anos	37,0	38,1	34,5
12 anos ou mais	28,6	4,3	15,1
Total	100,0	100,0	100,0
n	366.343	167.417	287.673

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

A distribuição das mulheres por escolaridade da Tabela 6 sugere que, mais uma vez, as brancas estão sub-representadas no grupo de menor escolaridade e sobre-representadas no grupo de escolaridade alta, ao contrário das pardas, sobre-representadas entre as de baixa escolaridade e sub-representadas entre as de escolaridade mais elevada. Dado que o termo negro é politicamente correto e parece estar ocorrendo um aumento da consciência com relação à identidade racial, esperava-se que houvesse uma maior proporção de negras de alta escolaridade, vis-à-vis as pretas. No entanto, não é isso que ocorre.

Tabela 6 – Distribuição das mulheres por escolaridade, segundo cor/raça. Belo Horizonte, 2002

Escolaridade	Raça/Cor			Total	n
	Branca	Negra	Parda		
0-4 anos	28,6	26,8	44,6	100,0	151.239
5-8 anos	38,2	25,8	36,0	100,0	216.312
8-11 anos	45,4	21,4	33,2	100,0	298.517
12 anos ou mais	67,3	4,7	28,0	100,0	155.365

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Na Tabela 7, é introduzida a categoria *morena* em substituição à *parda*, percebemos que ocorre uma grande reclassificação das mulheres.

Tabela 7 – Distribuição percentual das mulheres brancas, pretas e morenas, segundo anos de estudo. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor		
	Branca	Preta	Morena
0-4 anos	12,0	17,4	23,0
5-8 anos	21,5	37,1	27,8
8-11 anos	37,4	37,3	35,4
12 anos ou mais	29,1	8,2	13,8
Total	100,0	100,0	100,0
n	303.464	75.321	440.643

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Comparando a Tabela 8 (abaixo) com a Tabela 4, percebemos, em todas as faixas de escolaridade, um deslocamento das mulheres que se classificavam como brancas e pretas para a nova categoria *morena*. Vale ressaltar, ainda, que entre as mulheres de 0-4 anos de estudo, houve uma queda de 8 pontos percentuais nas auto-declaradas brancas e de 20 pontos percentuais nas auto-declaradas pretas. Já entre as brancas com 12 anos de estudo ou mais, essa redução foi de cerca de 15 pontos percentuais.

Tabela 8 – Distribuição das mulheres por escolaridade, segundo raça/cor. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor			Total	n
	Branca	Preta	Morena		
0-4 anos	24,2	8,7	67,1	100,0	151.238
5-8 anos	30,3	13,0	56,7	100,0	216.313
8-11 anos	38,1	9,5	52,4	100,0	298.517
12 anos ou mais	56,9	4,0	39,1	100,0	155.366

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

há quatro tabelas que comparam a auto-classificação da entrevistada pelas categorias do IBGE (branca, preta e parda), com sua auto-classificação à partir das categorias branca, preta e morena.

Na tabela 9, as entrevistadas com escolaridade de 0-4 anos se classificam segundo os dois tipos de categorização citadas anteriormente, branca preta e parda e branca, preta e morena. Percebemos assim, que 70,3% das mulheres que inicialmente se classificaram como pretas, passam a se classificar como morenas, quando introduzida esta categoria. Já das que inicialmente se classificaram como branca, 28,1% se reclassificam como morenas quando apresentada esta possibilidade. Dentre as pardas, não houve nenhuma grande mudança na reclassificação.

Tabela 9 – Auto-classificação das mulheres de 15-59 anos de idade com 0-4 anos de estudo
Belo Horizonte, 2002.

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (morena)		
	Branca	Preta	Morena
Branca	71,9		28,1
Preta		29,7	70,3
Parda	2,1	0,6	97,3

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Dentre as mulheres com 5-8 e 9-11 anos de escolaridade, percebemos a mesma tendência da escolaridade anterior, porém as migrações acontecem de forma menos acentuada.

Tabela 10 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade com 5-8 anos de estudo
Belo Horizonte, 2002.

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (morena)		
	Branca	Preta	Morena
Branca	65,6	0,4	34,0
Preta	3,2	43,2	53,7
Parda	6,2	7,8	86,0

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Tabela 11 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade com 9-11 anos de estudo.
Belo Horizonte, 2002.

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (morena)		
	Branca	Preta	Morena
Branca	77,1		22,9
Preta		43,8	56,2
Parda	5,8	2,5	91,7

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Quando se trata de mulheres que ingressaram no curso superior, percebemos que dentre as pardas a reclassificação é muito pequena (2,8% se reclassificam como brancas e 2,5% como morenas). Entretanto, dentre as brancas, as que se reclassificam como morenas somam 21,7% e dentre as pretas as que se reclassificam como morenas somam 29.6%.

Tabela 12 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade com 12 ou mais anos de estudo. Belo Horizonte, 2002

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (morena)		
	Branca	Preta	Morena
Branca	78,3		21,7
Preta		70,4	29,6
Parda	2,8	2,5	94,7

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Quando feita a pergunta com as opções *branca*, *negra* e *morena*, percebemos a mesma tendência de uma reclassificação para a categoria *morena* em todas as categorias de escolaridade. Porém, essa tendência acontece com uma intensidade menor do que a indicada anteriormente, já que aqui a categoria *negra* agrega mais entrevistadas do que as pretas na opção anterior

Tabela 13 – Distribuição percentual das mulheres brancas, negras e morenas, segundo anos de estudo. Belo Horizonte. 2002.

Escolaridade	Raça/Cor		
	Branca	Negra	Morena
0-4 anos	12,4	18,1	22,5
5-8 anos	21,6	34,6	28,0
8-11 anos	37,7	40,0	34,7
12 anos ou mais	28,3	7,3	14,8
Total	100,0	100,0	100,0
n	302.703	91.384	426.336

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Tabela 14 – Distribuição das mulheres, por escolaridade, segundo raça/cor. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor			Total	n
	Branca	Negra	Morena		
0-4 anos	25,1	11,2	63,7	100,0	151.239
5-8 anos	30,2	14,6	55,2	100,0	216.313
8-11 anos	38,2	12,2	49,6	100,0	298.518
12 anos ou mais	55,1	4,3	40,6	100,0	155.366

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Por fim, a última opção de classificação testada inseriu as categorias *negra* e *mulata*, substituindo *preta* e *parda*. Com esta troca, percebemos na Tabela 15 que houve grandes mudanças na distribuição percentual das mulheres por raça/cor em todas as categorias. As mulheres com menor escolaridade, 0-4 anos, tenderam a se reclassificar como mulatas, diminuindo assim o número daqueles que se classificaram inicialmente como brancas e pretas. No entanto, as mulheres com mais alta escolaridade rejeitaram a categoria *parda*, havendo, portanto, uma diminuição das que se classificam como tal em detrimento daqueles que se auto-classificaram inicialmente como pardas.

Tabela 15 – Distribuição percentual das mulheres brancas, negras e mulatas, segundo anos de estudo. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor		
	Branca	Negra	Mulata
0-4 anos	12,1	19,6	30,3
5-8 anos	23,1	34,4	29,0
8-11 anos	37,0	42,2	32,1
12 anos ou mais	27,8	3,8	8,6
Total	100,0	100,0	100,0
n	473.640	122.296	223.092

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Quando a escolaridade é utilizada como referência, percebemos que houve um aumento daquelas que se reclassificaram como brancas, independente da escolaridade. Já no caso das que se reclassificaram como mulatas, percebemos um aumento na faixa de menor escolaridade em Belo Horizonte. No caso das mulheres com mais alta escolaridade, percebemos que há uma queda daquelas que se reclassificaram como tal.

Tabela 16 - Distribuição das mulheres por escolaridade, segundo raça/cor. Belo Horizonte, 2002.

Escolaridade	Raça/Cor			Total	n
	Branca	Negra	Mulata		
0-4 anos	38,5	16,4	45,1	100,0	151.240
5-8 anos	50,5	19,5	30,0	100,0	216.313
8-11 anos	58,8	17,3	23,9	100,0	298.516
12 anos ou mais	84,6	3,0	12,4	100,0	155.365

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

A seguir, temos as quatro tabelas onde são comparadas a auto-classificação do entrevistado pelas categorias do IBGE (branca, preta e parda), com sua auto-classificação a partir das categorias branca, preta e mulata.

É interessante pontuar aqui que, das mulheres entrevistadas que ingressaram no ensino superior e se classificaram primeiro como brancas, quando introduzida a variável mulata nenhuma delas se reclassificam, ou seja, 100% destas mulheres escolherem novamente a categoria branca, o que indica uma rejeição das mulheres com alta escolaridade ao termo mulata, já que quando a opção era morena, 21,7% se reclassificaram como tal.

Nas outras categorias de escolaridade no entanto, percebemos uma migração para a categoria mulata. Nas mulheres com escolaridade de 0-4 anos, vale ressaltar que 52,2% das que primeiro se classificaram como pretas, se reclassificam como mulatas, quando introduzida esta variável.

Outro ponto importante de se ressaltar, se diz respeito às mulheres que primeiro se classificaram como pardas. Quando introduzida a variável mulata, percebemos uma forte migração para as outras variáveis (brancas e pretas) em todas as categorias, bem diferente do que ocorre quando a variável introduzida é a morena.

Tabela 17 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade, com escolaridade de 0-4 anos. Belo Horizonte, 2002

Auto-classificação	Raça/Cor (mulata)		
	Branca	Preta	Mulata
Branca	90,6	0,9	8,6
Preta	1,4	41,4	57,2
Parda	21,9	10,3	67,8

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Tabela 18 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade, com escolaridade de 5-8 anos. Belo Horizonte, 2002

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (mulata)		
	Branca	Preta	Mulata
Branca	90,8	2,8	6,4
Preta	5,3	52,3	42,4
Parda	33,1	17,3	49,5

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Tabela 19 – Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade, com escolaridade de 9-11 anos. Belo Horizonte, 2002.

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (mulata)		
	Branca	Preta	Mulata
Branca	98,6		1,4
Preta	3,1	61,5	35,4
Parda	35,8	15,6	48,7

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

Tabela 20- Auto classificação das mulheres de 15-59 anos de idade, com escolaridade de mais de 12 anos. Belo Horizonte, 2002.

Auto-classificação IBGE	Raça/Cor (mulata)		
	Branca	Preta	Mulata
Branca	100,0		
Preta	4,6	44,0	51,4
Parda	53,8	3,7	42,6

Fonte: Pesquisa SRSR - Cedeplar - 2002

7) Considerações finais

Um dos objetivos deste trabalho foi verificar os diferenciais de escolaridade por cor/raça entre as mulheres de 15 a 59 anos em Belo Horizonte. Corroborando o que já havia sido apontado por outros estudos, os dados SRSR indicam que, em Belo Horizonte, as negras também estão em desvantagem com relação às brancas e, entre as primeiras, as pretas estão em pior condição se comparadas às pardas. Em geral, as brancas estão sub-representadas entre as mulheres de 0 a 4 anos de estudo e sobre-representadas no grupo que tem 12 ou mais anos de estudos. O inverso ocorre com as pardas e as pretas.

O segundo objetivo foi verificar se este diferencial de educação persiste quando utilizadas outras categorias de cor/raça que não as do IBGE. As categorias negra, morena e mulata foram utilizadas em substituição às categorias preta e parda. Em todos os casos, verificamos que as brancas persistem com o melhor nível de escolaridade. Quando testada a categoria morena, percebemos uma melhora do nível educacional destas em relação às pardas, certamente porque parte das brancas migraram para a categoria morena. Entretanto, mesmo com esta melhora, a melhor performance das brancas persiste.

Porém, quando se trata da categoria mulata, percebe-se uma grande rejeição a esse termo por aquelas mulheres com alta escolaridade, dentre as outras categorias de escolaridade notamos que há uma aceitação a este termo, porém não tão grande como a da categoria moreno.

Por fim, se faz importante ressaltar ainda dois pontos. O primeiro se refere à categoria moreno. É reiterada aqui a idéia de que moreno é a cor de Belo Horizonte. No entanto, deve-se ter em mente que, devido ao seu caráter includente, a mesma pode não revelar, exatamente, a “cara” da população destes dois municípios.

O segundo ponto importante se refere ao fato de que o diferencial educacional entre brancos e negros vem desde as categorias de base. Assim, as cotas na universidade pública resolveriam apenas o problema do ensino superior, o que significa que o problema não será resolvido de fato, pois serão mantidos os diferenciais no ensino médio e no ensino fundamental. Portanto, é urgente que se façam investimentos em todos os âmbitos do sistema educacional brasileiro. Entretanto, para a população negra que já ingressou na escola, as cotas do ensino superior público são uma das únicas chances de reduzir o diferencial educacional entre brancos e negros através do ingresso dos negros no ensino superior.

8) Referências bibliográficas:

- Hasenbalg, C., Silva, Nelson V. *Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil*. In: Lovell, Peggy. *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 1991.
- Henriques, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. Textos para Discussão, Rio de Janeiro: IPEA, n. 807, p. 49, 2001.
- Heringer, Rosana. *Ação Afirmativa e Combate às Desigualdades Raciais no Brasil: o desafio da prática*. XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2002 Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2002.
- Miranda-Ribeiro, P., Caetano, A. Are There Alternatives to Racial/Skin Color Classification in Brazil? A Comparison of Two Large Urban Areas. Trabalho a ser apresentado na 2004 Population Association of América (PAA) Annual Meeting. Boston, MA, 1-3 de abril, 2004.
- Rosemberg, Fulvia. *Segregação Espacial na Escola Paulista*. In: Lovell, Peggy. *Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 1991.
- Silva, Nelson V. *Morenidade: modos de usar*. In: Hasenbalg, C., Silva, N., Lima, M. *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.
- Telles, E. 2003. *Racismo à Brasileira: Uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.